

# Chats e linguagem

## Do gênero aos gêneros do discurso

.....  
ELINÊS DE A. VASCONCELOS E OLIVEIRA

**Sexo, Afeto e Era Tecnológica: Um Estudo dos *Chats* na Internet** de Sérgio Dayrell Porto (org.). Brasília: Editora da UnB, 1999.

Perscrutar um fenômeno contemporâneo é tarefa que exige esforço e audácia científica. A missão torna-se ainda mais difícil diante da emergência do tema, da carência de sistematização teórica e também da angústia de arriscar uma hipótese a uma discussão que apenas se inicia. No entanto, é o ímpeto de ir em busca de novos horizontes de investigação que torna o pesquisador um desbravador, sempre à procura de novos filões científicos.

Nas últimas décadas, um dos veios de pesquisa mais instigantes tem sido a *Internet*. Facilitada pelo desenvolvimento da tecnologia digital – a cibercultura, em seu conjunto – tornou-se um fato catalisador da mudança genérica observada no comportamento da sociedade. A cultura gerada pela rede mundial de computadores delimitou o seu espaço próprio – o ciberespaço, criou os seus códigos próprios para monitorá-lo e, gerou também, uma linguagem diferenciada com sua configuração particular de gêneros.

Quais seriam, então, as fronteiras deste “novo mundo” revelado à luz da tecnologia? De que forma a cibercultura vem transformando a vida do homem moderno? Haveria lugar para o afeto e o sexo dentro do ciberespaço? De que modo se encaminharia as relações afetivas iniciadas na *Internet*? Qual o papel da ciência na reciclagem do “lixo” – os *chats* de sexo – produzido pela rede mundial de computadores?

Aprofundando-se nessas questões, uma outra inquietação ainda vem à tona. Como se orientaria a problemática do gênero — masculino/ feminino — salvaguardada pelo anonimato da *Internet*? Teria a linguagem a capacidade plástica de travestir-se num exercício de simulação de gênero?

Estes questionamentos serviram de embrião para o trabalho de investigação de uma equipe de pesquisadores capitaneada por Sérgio Porto. O livro *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na internet* é a divulgação de parte de uma pesquisa iniciada em 1996 na Universidade de Brasília, mas que ainda se encontra em desenvolvimento. O olhar dos pesquisadores foi centrado sobre os *chats* de sexo veiculados através da rede e a idéia era investigar o comportamento das relações de afeto e de sexo frente às novas tecnologias.

Organizado sob a forma de artigos autônomos, mas agrupados em três partes, numa espécie de "dependência interdependente" — segundo os seus autores, o livro preocupa-se num primeiro momento em iniciar o leitor no mundo virtual. Depois de abertas as portas dos salões virtuais e de oferecer uma visão panorâmica da emergência e da complexidade do fenômeno *Internet*, parte-se então para a apresentação da hermenêutica utilizada pelos autores no estudo dos *chats*: a análise do discurso associada a várias teorias sobre a sexualidade humana.

Nesta primeira parte, a lógica das idéias vai sendo construída sobre a fronteira de vários campos do conhecimento humanístico. A Sociologia, a Psicologia, a Linguística, a Política e a História somam forças pra subsidiar teoricamente a empreitada. Nos espaços surgidos entre as tramas teóricas destes vários campos surge uma nova urdidura que busca enredar teoricamente a cibercultura, os *chats* e a sexualidade humana, matéria-prima desta investigação.

A segunda parte do livro dedica-se à análise do *corpus* da pesquisa. Nove *chats* de sexo são submetidos a uma operação de desmanche linguístico. O material, é analisado *in natura*, sem sofrer revisão de qualquer espécie. É constante a presença de erros gramaticais e de palavras de baixo calão. Esses elementos, no entanto, desempenham um papel visceral na experimentação das hipóteses levadas a cabo pelos autores.

Ainda neste ponto, os *chats* analisados são divididos em dois blocos, agrupados por temas que se intercomunicam. O primeiro bloco reúne os *chats* cuja análise ratifica a presença de paradigmas e de estereótipos facilmente encontrados na vida real. Composto pela análise de quatro *chats* — com exceção do primeiro que é um *chat* de sexo explícito e cujo discurso é comprovadamente importado de outras mídias como, por exemplo, do cinema e as revistas pornográficas — os demais são

passíveis da rotulação de "chats de afeto" e as situações apresentadas poderiam acontecer em qualquer esfera da vida real.

Haja vista a análise dos *chats* "Frank e Joplin" ou "Dona Flor e seus muitos outros". Durante cerca de um ano, os personagens do primeiro *chat* "namoraram", discutiram, sentiram ciúmes, trocaram confidências e até partiram para novos relacionamentos sem nunca terem vivenciado um contato real. Uma situação de encontros e desencontros que, se não tivesse sido mediatizada pela tecnologia da *internet*, poderia ter acontecido em qualquer barzinho da vida real. Já no segundo exemplo citado, a análise do discurso revela a típica "Patricinha" de classe média que não quer se prender a ninguém, seja no real, seja no virtual .

Após a comprovação inicial da repetição dos estereótipos de comportamento transferidos do mundo real para o mundo virtual, os autores concentraram a sua atenção sobre a questão do gênero nos *chats* de sexo. Nas análises realizadas de cinco *chats* , confirma-se uma prática muito comum na rede: o travestimento sexual. Protegido pela benesse do anonimato propiciado pela rede virtual, torna-se fácil para um interlocutor vestir a máscara que lhe convier – seja de homem ou de mulher – de acordo com o roteiro que este decidiu desempenhar.

No entanto, apesar do anonimato possibilitar uma simulação de gênero quase perfeita, os personagens dos *chats* costumam trair-se pelo seu discurso. Esta afirmação é comprovada através da análise do *chat* "Olímpia e Maia" – a princípio, um *chat* de sexo entre lésbicas. Contudo, no decorrer da conversa, as formações discursivas da fala de Olímpia vão evidenciando um discurso carregado de um forte acento masculino. Esta suspeita é confirmada no final do diálogo, quando Olímpia revela-se como "homem" na vida real, fato este que não causa nenhuma surpresa à sua parceira de *chat*, o que demonstra que a prática da troca de gênero é muito comum na *net*.

Este dado, aliás, pode ser verificado na pesquisa que se encontra na última parte do livro, onde se esboça um perfil do internauta brasileiro. Neste mapeamento, encontra-se um fato paradoxal. A pesquisa realizada através de questionários respondidos anonimamente *on-line*, demonstrou que a grande maioria dos internautas brasileiros é do sexo masculino. No entanto, a maior parte dos frequentadores das salas de bate-papo é constituída de mulheres, o que confirma a habitualidade das situações de simulação de gênero na *Internet*.

Ainda na terceira parte, mais dois artigos, ao invés de encerrar a questão, reavivam ainda mais a chama da discussão. São idéias que especulam desde a possibilidade das relações eróticas à distância até uma visão semiótica do que seria o "prazer virtual".

Apesar da aparente miscelânea de idéias e da dificuldade de sistematização teórica enfrentada pelos autores — parte por culpa do próprio momento histórico no qual estamos inseridos, parte pela própria emergência do tema — o raciocínio é habilmente costurado com os fios da linguagem, cuidadosamente tecida a partir das teorias da análise do discurso.

A conclusão obtida com a pesquisa foi a de que o mundo virtual não inova, mas simplesmente repete as imagens, os valores e os textos encontrados no mundo real. O dado acima se tornou evidente graças à utilização da linguagem como instrumento organizador dos procedimentos de análise.

Ao que tudo indica, as investigações centradas na linguagem parecem ter descartado a hipótese de que os *chats* — em especial, os *chats* de sexo — teriam uma essência híbrida e transgressora por excelência. Para justificar o seu ponto de vista, os autores apontam os *chats* como um espaço onde não acontecem inovações no tocante à experimentação da linguagem, já que estes se apropriam da linguagem veiculada por outras mídias.

No entanto, apesar desta constatação, parece que a linguagem — ferramenta comunicacional de caráter plástico-mutante — aponta para mais uma possibilidade de leitura dos *chats*. É a leitura dos *chats* através dos gêneros do discurso, um encaminhamento teórico que reaviva a discussão iniciada pelos autores.

Embora esta leitura aponte para a existência de um vínculo entre o travestimento de gêneros detectado nos textos analisados e a idéia de gêneros discursivos da qual falaremos a partir de agora, faz-se necessário um esclarecimento entre estas duas abordagens distintas.

Na primeira acepção do termo, a palavra gênero é empregada como ferramenta taxonômica utilizada num sistema de classificação. Neste caso, um sistema de classificação natural entre sexos — masculino/feminino. Desta forma, a linguagem ajuda através das suas tramas semânticas a identificar o gênero sexual real do interlocutor do *chat*, mesmo que para isso ele se encontre utilizando os recursos do travestimento lingüístico.

Já na segunda acepção, o conceito de gênero nada tem a ver com categorias, classificações ou especificidades. É o conceito de gênero visto agora enquanto possibilidade combinatória. Destarte, o gênero passa a ser encarado não mais como uma forma hierárquica de classificação de espécies, mas sim, como um instrumento organizador que levará em conta de agora em diante a relatividade existente entre os códigos da língua.

Tomando-se por princípio que a língua é o espírito do conceito de gênero, pode-se afirmar então que sua materialização evidencia-se sob a forma de enunciados.

Já os enunciados trariam imbuídos em suas formações composicionais todas as esferas da atividade humana. Por sua vez, cada uma destas esferas de utilização da língua, elaboraria seus tipos relativamente estáveis de enunciado, ou seja, os gêneros do discurso.

Ora, se os gêneros discursivos são os representantes legítimos de todas as esferas da atividade humana, cada época do desenvolvimento da humanidade seria então marcada pelos gêneros do discurso que lhe são peculiares, pois estes, seriam os incubadores de uma visão do mundo e de um pensamento. É Bakhtin (1997) quem nos dá a chave teórica para o entendimento dos chats enquanto gênero discursivo ao afirmar que *"os gêneros do discurso de uma forma imediata, sensível e ágil, refletem a menor mudança na vida social. Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua"*.

De acordo com este ângulo de visão, os *chats* desempenhariam um papel de protagonista dentro do momento histórico no qual estamos inseridos. Variante das mais utilizadas da comunicação digital, pensar sua linguagem enquanto gênero discursivo implica em pensar a nossa própria linguagem em processo, a forma como estamos nos comunicando e também como estamos re-elaborando os sistemas de troca da comunicação atual. Portanto, os *chats* seriam mais uma das inúmeras esferas de uso da linguagem que compõem a malha cultural tecida pelos gêneros discursivos digitais.

Mesmo sendo inumeráveis, os gêneros do discurso possuem uma distinção básica: podem ser primários (simples) ou secundários (complexos). Os gêneros primários corresponderiam à comunicação cotidiana tanto oral quanto escrita. Já os gêneros secundários corresponderiam aos produtos criados pela cultura, à medida que esta se complexifica. Desta forma, estariam incluídos dentro dos gêneros secundários desde a literatura (oral e escrita), os filmes, a música, a dança, etc....até à comunicação digital e on-line. Absorvendo e transmutando os gêneros primários, os gêneros secundários garantem o estado permanente de atualização dos gêneros discursivos, num processo contínuo de destruição e renovação do próprio gênero.

Se pensarmos agora a linguagem "não peculiar" dos *chats* enquanto possibilidade combinatória, onde o que interessa não é "originalidade" da linguagem mas sim as suas várias possibilidades de realização, constataremos que os *chats* não são apenas de um fenômeno cultural emergente como também de um gênero discursivo que se alimenta de outros gêneros já existentes e que, ao ampliar suas possibilidades combinatórias renova-se e amplia-se, formando um gênero discursivo "novo".

O reconhecimento dos *chats* enquanto gênero discursivo passa necessariamente pela noção de prosificação da cultura. A idéia de cultura prosificada funciona como uma espécie de ponte que serve para relativizar dicotomias estanques como alto/baixo ou erudito/popular, por exemplo. A cultura passa a ser cogitada não mais em termos dicotômicos, mas em termos de esferas. Os *chats*, ao privilegiarem a prosa, transitam por diferentes esferas de linguagem em diálogo constante. Desta forma, apazigua-se a inquietação dos autores com relação à aproximação que estes fazem da linguagem científica com a linguagem vulgar dos *chats* de sexo. Na cultura prosificada, tanto a linguagem científica como a linguagem de baixo calão podem estabelecer um diálogo proveitoso.

Longe de ser esgotada, a discussão dos *chats* enquanto ferramenta representativa da cibercultura, apenas se inicia. No espaço dialógico existente entre as suas fronteiras, observa-se o processo de travestimento e de transmutação que a linguagem percorre quando deixa de ser vista pelo ângulo determinista do gênero e passa a ser considerada de forma relativizada, enquanto possibilidade combinatória.

A linguagem digital e on-line oferece-se, portanto, como um script inacabado em cuja rubrica "novos" gêneros dialogam com os já existentes, num jogo de eterno devir. É o gênero vestindo agora a máscara de um Proteu e realizando o seu melhor desempenho nas muitas possibilidades de combinação sígnica que os *chats* oferecem. É a linguagem interpretando o seu maior papel, num processo contínuo de (DES-)CONSTRUÇÃO/ CONSTRUÇÃO/ (RE-)CONSTRUÇÃO dos seus gêneros discursivos, meta-traduzindo a própria vida.

## REFERÊNCIA

BAKHTIN, Mikhail (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

ELINÉS DE A. VASCONCELOS E OLIVEIRA é professora na UFPA e doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.